

PENSAMENTO POÉTICO: EPISTEMOLOGIAS, METODOLOGIAS E NARRATIVAS ARTÍSTICAS NA PESQUISA E NO ENSINO

<https://orcid.org/0000-0003-4004-2128> Priscilla Menezes de Faria

<https://orcid.org/0000-0002-3739-4782> Raíssa Campos Cortat

Georges Didi-Huberman propõe uma aproximação entre a mortificação e a metafísica tradicional. Ele diz que existe uma atitude filosófica que necessita da constatação de que algo está morto para poder dizer o que essa coisa é: algo como prender uma borboleta em um pedaço de cortiça para melhor estudá-la. Entretanto, existem outras possibilidades metafísicas que preferem o esvoaçar da vida em detrimento da promessa de totalidade do inanimado. “Prefiro não ver completamente a borboleta, prefiro que ela continue viva: essa é minha atitude quanto o saber” (Didi-Huberman, p.62, 2016). A seleção dos trabalhos que compõem este dossiê se deu a partir dessa mesma atitude: no lugar do anseio de totalidade, o desejo de vitalidade. Trabalhos menos vinculados ao “é” das coisas e mais aliados aos movimentos das coisas vivas, à criação como modo de se deslocar entre saberes e afetos.

Isabelle Stengers (2023), ao pensar uma desaceleração das ciências, nos fala da imagem do *pesquisador sonâmbulo*. O sonâmbulo – a pessoa em um estado sem conexão plena com seu corpo e sem compromisso consciente com as consequências de suas ações – é o pesquisador que age em *nome da ciência* e caminha em direção à uma ideia de progresso e desenvolvimento neoliberal, sem se deixar afetar por perguntas que poderiam fazê-lo hesitar, afastado da dúvida e da vertigem que constituem a vida, permanecendo indiferente aos movimentos que poderiam acordá-lo. O pesquisador sonâmbulo não se deixa parar, tremular ou afetar pelo perigo e urgência da crise ecológica a qual estamos inseridas(os) – entendida aqui como uma crise ontológica, “epistemológica (epistemicídio), social, cultural, estética, política, ética, psicológica, espiritual e ambiental” (Malomalo, 2019, p.565). A filósofa sugere um modo de despertar: criar em coletivo, deixando-se atravessar pelo tempo, espaço e encontros onde a vida acontece.

O desejo e o esforço de construir este dossiê se afirmam na experiência e confiança de que no entrelaçamento entre arte, educação e pesquisa como elementos intrínsecos à vida, encontramos faíscas de movimentos, palavras, imaginações e criações que oferecem modos de existir e transgredir estruturas que nos desvitalizam. Reunimos trabalhos que se direcionam



ao saber pela vitalidade e que conjuram o poético como modo de despertarmos de sonambulismos para existirmos costurando correspondências entre sonhos e vigília – de corpo inteiro.

Começamos nosso dossiê com o artigo “Você não escutou? Esse é o som do rigor tombando no fundo do mar” que nos leva para mergulhar em uma reflexão inovadora sobre o conceito de rigor na escrita acadêmica e na pesquisa em educação, tensionando as fronteiras entre ciência e arte. Negando uma definição fixa, as autoras iniciam um deslocamento, tombando a noção de rigor e sugerindo-a como uma prática emergente, aberta à experimentação e às incertezas do processo. A metáfora do mergulho é um convite para abandonar o peso da rigidez e explorar as profundezas da criação. Entre o poético e o científico, três movimentos são oferecidos como modo de operar a escrita acadêmica – o ensaio, o fragmento e a montagem. Por essa correnteza, o rigor é proposto como uma prática ética, política e estética que é construída pelos encontros e deslocamentos provocados pela própria pesquisa, mais do que algo externo ao processo de escrever e pesquisar. Em diálogo com diferentes autores e linguagens implicados com a abertura a um pensamento diferencial, as autoras provocam ondas e tsunamis para pensar modos de convivência entre rigor e vigor, ciência e arte, método e criação, através de uma escrita poética, convocatória e que vibra e ressoa com a vida.

Seguimos com trabalho “E se brincar fosse viver, e se viver fosse arte?: Lições aprendidas com as(os) Guarani Mbya” que traça uma aproximação entre a brincadeira e a criação a partir da cosmovisão Guarani Mbya. A brincadeira criadora é apresentada como um modo intuitivo, tateante, inventivo e experimental de se relacionar com o mundo e não como algo que deve ser aos poucos deixado de lado, como na perspectiva adultocêntrica ocidental. A relação com a arte, de modo semelhante, também se faz em conexão com o próprio modo de viver Guarani Mbya: a partir da espiritualidade, do trabalho, das formações subjetivas, da comunicação, das aprendizagens, da cura – instâncias da vida que acontecem em consonância, não de modo compartimentado. Com sua pesquisa, o autor nos convoca a aprender com esses “espaços-tempos outros, menos engessados, menos uniformizados, e mais abertos ao fortalecimento da autonomia, ao criar, ao brincar, ao sonhar e ao viver”.

Em “Cartas para sentipensar a poética na docência em educação” opera a metodologia da cartografia, ou seja, um “ensaio-missivista” como via de circulação de saberes de três pesquisadoras que trocam histórias, cenas, experiências, questões e fazem compartilhar o que

nomeiam de “uma poética miudinha” da docência em educação. Neste trabalho, o íntimo e o público se tocam, evocando o afeto como espaço fértil para a produção de saberes e o sentipensar como gesto integrado através do qual é possível, a um só tempo, refletir e se emocionar com aquilo que se faz. Aqui, no campo onde as diferenças não buscam se anular, há espaço para o diálogo que sustenta a complexidade, a multiplicidade e as sutilezas de um pensamento que sente.

Em “Reimaginar” adentramos em um experimento verbo-visual movimentado por uma pesquisa de mestrado em educação que se propôs refletir sobre as ruínas e as possibilidades de criação poético-pedagógica no ambiente escolar. A noção de pensamento poético opera como amolecedor das práticas desvitalizantes que arruinam cotidianamente o ambiente escolar e os corpos que o habitam, anunciando a proliferação de vitalidade na escola através da criação. Por movimentos metodológicos alinhados com a cartografia, as travessias da autora como artista e professora trazem para as entranhas da pesquisa seus processos de subjetivação e o sentido de corpo como um território onde o aprendizado e a experimentação ocorrem. Neste trabalho, práticas performativas são vias de reimaginar a escola como um espaço dinâmico, onde arte, educação e vida se entrelaçam, anunciando possibilidades poético-pedagógicas de habitar a escola. São nos fragmentos simbólicos e concretos do cotidiano e dos corpos que este sensível e perfurador trabalho nos convida à invenção e à transformação como resistência ativa às estruturas rígidas e opressoras do ambiente escolar, passeando entre babas, costuras, barros, micélios, cheios, vazios, barulhos, silêncios, moles, duros, ruínas e reinvenções.

O artigo “Práticas poético-eróticas: formas de fissuras o regime colonial-capitalista” posiciona o poético em relação ao erótico, abordando o erotismo como potência de engajar-se na vida e mobilizar vitalidades. Considerando as investidas capitalistas sobre as forças criadoras de vida, o trabalho tece uma crítica ao momento neoliberal que vivemos, em que as subjetividades são diretamente atacadas por modos de vida homogeneizados e mercantilizados, em que Eros estaria, segundo o vocabulário de Byung-Chul Han, em agonia. As autoras apontam a experiência poética como um espaço de regeneração de Eros, ali onde se pode (re)fazer vínculos com a própria potência criadora e estabelecer contato com outros modos de viver e produzir existências – aquilo que talvez seja o sentido mais radical da educação. Contra a “monocultura erótica”, este trabalho apresenta estratégias poéticas que multiplicam sentidos para a vida e as possibilidades de se vincular ao tecido dos viventes.

Continuamos com o trabalho "Miudezas (Des)formativas do/no Cotidiano: Possibilidades de Estesia, Encanto e Arte na Formação Docente" que discute como práticas estéticas e artísticas podem transformar a formação docente e o cotidiano educacional. Por uma combinação metodológica “teórico-vivencial e errante”, abarcando a Pesquisa-Formação, Pesquisa-Vida, Pesquisa-Experiência, Escrivência e a Cartografia, o estudo apresenta experiências vivenciais de um processo formativo de cunho estético e artístico proposto para professoras(es) de uma escola municipal do Rio de Janeiro, em um contexto marcado pela pandemia de Covid-19. O texto destaca como as "miudezas" do cotidiano, quando tratadas com atenção estética e afetiva, podem gerar novos olhares sobre a docência e sobre as relações entre professoras(es) e estudantes. A arte é compreendida como modo de acesso, conexão e criação de si, de sua relação com o outro e com o mundo, figurando um movimento político, ético e estético, fundamental para uma proposta de reinvenção crítica e constante da educação e capaz de enfrentar e desestruturar alguns efeitos do capitalismo no nosso corpo e no cotidiano escolar. Assim, o trabalho aponta a necessidade de integrar a arte e a sensibilidade nos processos formativos para romper com modelos tradicionais e fomentar uma educação transformadora, baseada na valorização da integralidade dos sujeitos e na criação de novas possibilidades de estar e aprender no mundo.

Em “O movimento das ondas como figura temporal da origem”, formas e forças literárias convocam a um encontro não-usual entre tempo e infância. A partir da discussão benjaminiana acerca do conceito de origem, a autora evoca o pulso ondulante das ondas como ritmo de uma concepção de tempo outro – não o da linearidade que anuncia o tictac do relógio, mas o da constante “aventura informe de incertezas”, ou seja, o tempo reinvestido da possibilidade da experiência. O trabalho aproxima infância e origem não pela via da cronologia, mas de uma relação especial com a linguagem, que pode nos ensinar a “abrir a linguagem enquanto experiência, desmontando seus mecanismos de poder”. Assim, o trabalho aponta a linguagem como território – poético e político – para sustentar brechas ondulantes no tempo e aprender da infância a potência das (des)montagens.

Já o texto “Nós sabemos o que pode um corpo?” trata de uma entrevista com Erin Manning, filósofa, professora e artista, que explora questões relacionadas ao corpo, à neurodiversidade e à filosofia processual. Dedicada a explorar os modos transversais de ativação do pensamento e do fazer em processos de produção filosófica e artística, Manning discute a incorporação como um processo dinâmico, relacional e transindividual, enfatizando

como o movimento e a percepção contribuem para um entendimento do corpo em devir. A entrevista também aborda a percepção autista como uma forma distinta de habitar o mundo, oferecendo novas perspectivas sobre o cotidiano e a neurodiversidade, traz reflexões sobre a pesquisa-criação – que combina prática artística e pensamento filosófico – e propostas de modos de engajamento com o mundo que valorizam a sensibilidade às relações emergentes e às mudanças contínuas no ambiente. Nesse caminho, a filósofa e artista propõe uma reavaliação do valor em termos que escapam à lógica capitalista, defendendo práticas filosóficas e artísticas que resistam a visão de mundo capitalista e promovam modos de existência mais colaborativos e especulativos.

O artigo “Escrita-vida: um convite a poetizar a pesquisa em educação” começa com a questão: “o que pode uma pesquisa em educação inspirada nos modos poéticos das artes?”. Sustentando a necessidade de uma “pesquisa-experimentação”, indissociável de uma “escrita-vida”, o trabalho evoca, de modo poético e ensaístico, uma pesquisa que se faz “na intimidade com as coisas que se passam no mundo”, aberta aos encontros com inesperado e o inexprimível, em quem o conhecimento se dê, de fato, como algo que se incorpora. Trata-se de uma aposta na relação entre pesquisa, escrita e vitalidade em que esses termos se tramam a partir das forças da criação.

“Onde ardem as imagens: por mais experimentações inventivas e artistagens na educação infantil” apresenta um movimento de pesquisa realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) que investiga a potência das imagens no cotidiano escolar. O texto descreve a prevalência de imagens-representação que perpetuam estereótipos e apresentam uma “retilineidade que não se entranha, como uma espécie de pele que recobre e tenta encapsular as experimentações infantis”. De outro modo se dariam as *imagens nômades*, produções de bebês e crianças que, com suas experiências e artistagens, criam formas repletas de singularidade. Tais imagens, distanciadas dos padrões de “belo decorativo”, que “saltam para além de comunicar, instituir e prescrever”, agenciam afetos que movem, vivificam e mobilizam os cotidianos. O texto destaca as imagens nômades enquanto potencializadoras da escola como um “território crianceiro”, onde a potência de criação sobrevive às formas pré-concebidas.

O trabalho “Atirando em pássaros sonolentos: alguns possíveis para a pesquisa em educação numa entrevista imaginada com Federico García Lorca” aposta em um exercício inventivo, nos convidando a tecer a imaginação como uma “uma forma de conhecer o mundo

que não está encarcerada no que está dado, mas que expande as possibilidades”; uma via epistemológica que permite criar metodologias inovadoras, conectadas ao político, ao poético e ao social. A partir de uma entrevista fictícia com o poeta Federico García Lorca e de costuras teóricas, sobretudo dialogando com Carlo Ginzburg e Linda Tuhiwai Smith, o autor elabora a possibilidade de uma metodologia de pesquisa em educação inspirada nos processos criativos e na potência artística e política de Lorca. O artigo-entrevista defende a imaginação como uma força transformadora com potência suficiente para redefinir os processos de pesquisa e ampliar os sentidos acerca da Educação e seus possíveis, enfatizando a importância da arte como ação política e da pesquisa como espaço de luta, criatividade e transgressão de estruturas rígidas. Por meio de uma escrita criativa e curiosa, a experimentação e a invenção na pesquisa em educação são abordadas como formas de se colocar no mundo e de potência de vida.

“Metamorfoses no pomar ou arrisco gravar o espanto” apresenta uma reflexão poético-filosófica, construída a partir de uma pesquisa artística iniciada em 2012, sobre a relação entre corpo, dança, linguagem e espanto, propondo uma “visão da arte e da dança como práticas de invenção, que desafiam limites e convidam à exploração de territórios desconhecidos, com o corpo sendo simultaneamente o sujeito, o objeto e o meio da transformação”. Partindo de inquietações provocadas pela experimentação entre o fruto – a maçã – e o corpo, o trabalho traz considerações sobre processos de luto e criação e sobre o corpo como um instrumento filosófico capaz de produzir conhecimento e experiência por meio da dança e do movimento. Em uma tessitura entre vida, sala de ensaios, palavras, imagens, gestos, vazios, pausas, conceitos e ideias – como “corpo filosófico”, “espantografias”, metamorfose – a autora ressalta a importância da vulnerabilidade, do erro e da queda como formas de aprendizado e criação e indica a dança como um acontecimento poético e filosófico, uma manifestação de conexão entre o corpo e o mundo, configurando uma via singular de pensamento e construção de conhecimento que transcende o racional e celebra o inesperado.

O artigo “Livro de artista-professor/a: com[posições] com a formação em artes visuais” aborda a noção de Livro de Artista-Professor/a (LAP), a partir de uma proposta artístico-pedagógica com estudantes de Licenciatura em Artes Visuais e em diálogo com autoras e autores das filosofias da diferença, em uma investigação da docência não apenas como técnica, mas como uma forma de expressão artística e poética. Diante de inquietações

acerca da formação inicial docente e dos desafios do ensino, as práticas criativas produzidas e experimentadas nos LAPs são apresentadas como brechas, como espaço de criação múltiplo e de possibilidades para que os próprios estudantes de licenciatura pudessem pensar e vivenciar seus processos de formação como um fazer artístico moldados por experiências pessoais, coletivas e contextuais. Neste sentido, o texto costura pensamentos sobre “outras possibilidades de criação no campo da educação e da arte, não sendo um ou outro, mas aquilo que se instala “entre” os dois e vai ganhando vida à medida que é experimentado”. Através das produções e reflexões colocadas pelo texto, uma noção de criação é construída em diálogo com os LAPs e algumas dimensões são destacadas: a necessidade de criação como expressão vital, o processo de docência como espaço de invenção e a colaboração como aspecto central.

“Domesticar la teoria (queer): una investigación performática” apresenta uma pesquisa que se dá a partir do que os autores nomeiam de “autobiografia performática”: relação entre pesquisa e vida íntima, cotidiana, familiar. Através de um decidido desvio das formas “retas, héteros e habituais de pensar”, o trabalho sustenta a indissociabilidade entre o ambiente onde vivemos e a vida da investigação, trama onde prosperam os “conhecimentos brandos”, pouco valorizados pela intelectualidade hegemônica. Assim, ao longo do artigo nos encontramos com a defesa de uma pedagogia sensorial e estética que valoriza a experiência cotidiana, enquanto critica as formas hegemônicas de produção de conhecimento. Propõe uma abordagem criativa para pensar modos de habitar o mundo e também a conexão entre corpo e território como via de presença e equilíbrio. “Entre sexualidades, alimentos e desperdícios” o texto se faz entre acontecimentos de corpos e a elaboração crítica de categorias conceituais que fundamentam modos de fazer ensino, a pesquisa e a criação mais aderidos à vida.

O relato de experiência desse dossiê, no artigo “Inspiração nos encontrou trabalhando: narrativas sobre a formação docente para o ensino de Arte nos anos iniciais” aborda as fragilidades na formação de professores/as para o ensino de Arte nos Anos Iniciais e destaca a necessidade de novas abordagens pedagógicas. O estudo analisa narrativas de estudantes de Pedagogia de uma universidade pública federal de Alagoas, baseando-se na disciplina Saberes e Metodologias para o Ensino de Arte. Por meio da Pesquisa Narrativa, o artigo mostra como a prática de narrar experiências e realizar autoavaliações pode transformar-se em uma ferramenta valiosa de aprendizado e ressignificação da prática docente, abrindo caminhos para inovações no ensino de Arte.

Na resenha temos o texto "Branquitude em Pauta: Privilégio, Meritocracia e Pacto Narcísico". A resenha apresenta a obra *O pacto da branquitude* (2022), de Cida Bento, que analisa como a branquitude estrutura privilégios raciais no Brasil e perpetua relações de poder por meio do silenciamento histórico e da meritocracia. Bento evidencia como instituições e práticas sociais sustentam a hegemonia branca, dificultando o acesso de pessoas negras a posições de poder e decisões. A autora também explora o racismo institucional e a necessidade de desnaturalizar os privilégios brancos através de ações coletivas estruturais. A resenha destaca a importância da leitura de Cida Bento e de intelectuais negras como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro para aprofundar o debate sobre raça, classe e gênero e fortalecer a luta antirracista no país.

Na demanda contínua temos o texto "Medidas Socioeducativas e Seus Aspectos Pedagógicos no Estado de Sergipe: Uma Revisão Sistemática das Publicações de 2018 a 2023". O estudo realiza uma revisão das produções bibliográficas sobre medidas socioeducativas e suas relações com o campo pedagógico em Sergipe, entre 2018 e 2023. A pesquisa analisou artigos, teses e dissertações em bases como Scielo, BDTD e Google Scholar, encontrando apenas quatro trabalhos publicados. A pesquisa destaca a escassez de estudos que abordem aspectos pedagógicos, como saberes didáticos e curriculares, indicando a necessidade de ampliar o diálogo entre as medidas socioeducativas e a educação no estado.

Continuamos com o texto "O Poder do Riso e o Poder que Ri: Duas Formas da Ridicularização de Figuras de Poder". O texto analisa duas formas de ridicularização do poder: a primeira, com base em Pierre Clastres, mostra como o riso entre os indígenas chulupi sobre xamãs e jaguares age como resistência ao poder. A segunda, inspirada em Foucault, argumenta que, quando figuras de poder se ridicularizam, sua autoridade não diminui, mas se amplia, tornando-se grotescas e ultrapassando suas funções sociais esperadas.

Além desses, temos o texto "A Relevância da Prática da Leitura no Processo de Alfabetização". Ele discute a importância da leitura no processo de alfabetização, destacando que ela é uma ferramenta essencial para formar leitores críticos e inseri-los adequadamente na sociedade letrada. A pesquisa, com abordagem qualitativa e baseada em autores como Soares, Ferreiro, Teberosky e Freire, conclui que a prática de leitura deve ser estimulada, criando condições favoráveis para que a criança desenvolva hábitos e comportamentos leitores.

Por fim, como demanda contínua temos o texto "O Que Cabe no Currículo? Estágio Docente, Des/Aprendizagens e Itinerários Sentipensantes em uma Faculdade de Educação". O

texto discute uma abordagem sentipensante no estágio docente da disciplina de Currículo, realizada por mestrandas, doutorandas e a professora titular em 2023, em uma universidade pública. O estudo, baseado em entrevistas semiestruturadas e questionários com 26 dos 37 estudantes matriculados, explora as ideias dos alunos sobre o currículo, especialmente sob uma perspectiva intercultural e distante do eurocentrismo, destacando as representações construídas pelos estudantes durante o processo de aprendizagem.

Eduardo Galeano, confabulando sobre um dos sentidos da arte, conta a história de um menino que não conhecia o mar e que foi levado pelo seu pai em uma viagem para que o descobrisse. Quando o menino e o pai estavam, finalmente, diante do grande corpo d'água, “foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar!” (Galeano, 1997, p.15). Que esse dossiê possa emudecer alguns sentidos pré-estabelecidos e ser uma viagem de encontro com a imensidão do mar – que por sua imagem nos tira o fôlego da palavra e da ação para nos ensinar a dizer de outros modos e a criar juntos.

Referências:

- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016.
- MALOMALO, B. Filosofia Africana do NTU e a Defesa de Direitos Biocósmicos. *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 10. n. 2, 2019. p. 76-92.
- STENGERS, I. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Tradução: Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.